

Letras

Considerações sobre **O náufrago**, de Thomas Bernhard

Maria Elizabeth Sacchetto*

"Nós nos deparamos continuamente com esses náufragos e homens sem saída [...] Temos o maior trabalho para nos salvar desses náufragos e homens sem saída, pois tanto os náufragos quanto os homens sem saída fazem tudo para tiranizar o mundo a seu redor, para acabar com seus semelhantes."

Thomas Bernhard

RESUMO

O presente artigo objetiva tecer considerações sobre o projeto narrativo de Thomas Bernhard no romance **O náufrago**, enfatizando a estrutura híbrida da obra, a fragmentação e o diálogo com a tragédia grega, além de configurar a crise nas relações humanas presente no contexto da pós-modernidade.

Palavras-chave: Literatura. Thomas Bernhard. Hibridismo. Pós-modernidade

ABSTRACT

This essay aims at proposing considerations on the narrative plan of Thomas Bernhard for the novel *The loser*, emphasizing the hybrid structure of the book, the fragmentation and the dialogue with Greek tragedy, besides the fact it sets up the crisis that exists in human relations within the context of post modernity.

Keywords: Literature. Thomas Bernhard. Hybridism. Post modernity.

É preciso fôlego para mergulhar nas páginas de **O náufrago**, de Thomas Bernhard, escritor austríaco, considerado um dos mais importantes germanófonos da segunda metade do século XX. Os três parágrafos iniciais são breves e podem ser lidos de uma só braçada; entretanto o quarto, que se estende até o fim da história, é longo e requer atenção redobrada, pois exigirá habilidade do leitor para vencer a intensidade da narrativa sem se deixar naufragar.

* Mestre em Letras pelo CES/JF. Doutoranda em Letras pela UFF.

É a partir desse quarto capítulo que o narrador, um dos três protagonistas da história, o único a permanecer vivo, logo após a morte de um deles (Wertheimer)¹ retoma o passado, vinte e oito anos depois, num fluxo de memória, para dar vazão a sentimentos, valendo-se do monólogo interior, nitidamente marcado por questionamentos em busca de entendimento sobre os caminhos percorridos pelos três jovens pianistas (Wertheimer, Glenn Gould e ele), desde o momento em que se conheceram em Salzburgo, no Mozarteum, quando foram estudar com o grande mestre Vladimir Horowitz.

Sozinho, à espera de ser atendido pela dona da pousada onde, quando era um jovem estudante, hospedava-se com os outros dois amigos, o narrador, cercado pelas lembranças, inicia o seu relato. Refaz, nesse momento, a relação entre os três. Unia-os o mesmo ideal, tornarem-se virtuosos do piano; separava-os, diferenciando-os, a capacidade para atingir o pretendido. Somente o genial Glenn Gould alcançou a meta e a sua genialidade pôs fim aos sonhos dos outros dois, determinando-lhes a interrupção da trajetória musical:

Assistir às aulas de Horowitz foi fatal tanto para mim quanto para Wertheimer, mas genial para Glenn. No que se refere ao virtuosismo pianístico, e no fundo à própria música, não foi Horowitz quem nos matou, a Wertheimer e a mim, e sim Glenn, pensei. Foi ele quem tornou nosso virtuosismo impossível, e isso numa época em que nós dois acreditávamos ainda firmemente nesse nosso virtuosismo (BERNHARD, 2006, p.17)

À primeira vista para o leitor, todo o texto parece ser puramente ficcional, com situações e personagens imaginados pelo autor; contudo, como prosador contemporâneo, Bernhard insere, em **O naufrago**, personagens reais – Glenn Gould e Vladimir Horowitz – grandes mestres do piano. Destaca-se, na narrativa, o primeiro, por ter marcado fortemente a vida dos outros dois personagens. Essa forma de hibridismo, caracterizada pela conjugação de seres humanos reais e personagens inventados, acaba possibilitando ao leitor uma outra reflexão, além das tantas que o livro permite, sobre os liames entre ficção e realidade.

Glenn Gould era canadense e sua história de vida, apresentada por

¹ O nome nos remete a um dos três psicólogos alemães - Max Wertheimer (1880 – 1940) - criadores da teoria Gestalt, que considera os fenômenos psicológicos como um conjunto autônomo, indivisível e articulado na sua configuração, organização e lei interna. A base da terapia gestáltica é levar os indivíduos a descobrirem novas forças existentes em si, para vencerem as suas dificuldades. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gestalt>> Acesso em: 22 abr. 2010.

Friedrich (2000), mostra suas excentricidades e extravagâncias, especialmente porque insistiu em manter uma imagem de artista esquisito e excêntrico, cuja personalidade primava pela rebeldia. Em 1955, gravou as *Variações Goldberg*, de Bach, seu primeiro sucesso. Gostava dos músicos antigos e modernos e não reconhecia talento nos românticos. Assim também tratava Beethoven e Mozart. Glenn declarou que o componente indispensável da felicidade humana é o isolamento.

Não se pode afirmar, mas talvez tenha sido essa declaração um dos motivos de terem levado Bernhard a colocar, como personagem de sua história, o brilhante concertista, utilizando-se dele para levantar a questão principal da narrativa, que reside na crise das relações humanas, formalizada na obra por meio dos três protagonistas, especialmente o narrador, articulador de uma rede de reflexões cujos entendimentos e interpretações esbarram em conceitos relativos, principalmente porque seu olhar se encontra comprometido.

Se for considerada a trajetória literária de Bernhard e a sua própria vida, há que se atentar para o ceticismo e amargura que marcaram a sua existência. Na obra **Origem**, composta de cinco relatos autobiográficos, escritos entre 1975 e 1982, retrata questões que, durante sua infância e juventude, acabaram por determinar-lhe a temática priorizada em seus textos literários. Desagregação familiar, doença, repressão escolar e religiosa, violência inserem-se no cenário de vida do autor. Ele também estudou violino (e não piano) e sua juventude foi marcada pelos suicídios dos amigos, que viviam na mesma cidade onde os protagonistas de **O náufrago** vão estudar piano. Também ele desejara ter a coragem de interromper a vida, como muitos jovens de sua época o fizeram, mas não concretizou o pretendido.

Muitos são os fatores que concorreram para que Bernhard construísse esta obra, cujos principais traços permitem classificá-la como pertencente, conforme declara Helena (2009, p.116), às ficções do desassossego:

[Tais obras] dialogam, de forma complexa e bastante mediada, com a tragédia grega; e, não é excessivo dizer, dela não derivaram diretamente. Essas ficções acionam a memória trágica que nos diz de uma desmedida, impregnada, hoje, violência social na qual a promessa burguesa do modelo contratual do Iluminismo e das utopias românticas da liberdade, da igualdade e da fraternidade não está mais disponível para o sujeito burguês contemporâneo e, muito menos ainda, para os excluídos da ordem econômica do capitalismo globalizado.

Às três personagens de **O náufrago**, contudo, não se aplica essa

última condição, pois não poderiam ser caracterizados como representantes da classe dos excluídos da ordem econômica, por serem oriundos de famílias abastadas. Na realidade, a narrativa não trabalha com essa questão. O que se pode sentir é uma personagem – Wertheimer (mas também o narrador) – revelando-se como esse sujeito trágico que rejeita a ordem excludente a ele imposta pelo mundo, eliminando os não talentosos, promovendo, mesmo que indiretamente, a competição, anulando possibilidades. Incorpora a própria condição dos seres humanos nesta *Modernidade Líquida*, ou seja, seres em solidão. Mais uma vez, recorrendo a Helena (2009, p.120), é possível afirmar que “[...] ser homem é ser só” e essa consciência apodera-se de Wertheimer, como também do narrador.

A história de **O naufrago** é simples e, aparentemente, a narrativa parece ser linear; entretanto, não fugindo aos caminhos da prosa moderna, Bernhard brinda os leitores com um romance intenso, cuja estrutura traz a marca da fragmentação, sentida não apenas no retorno ao passado, mas nas constantes digressões feitas pelo narrador, no decorrer da narrativa, como ele mesmo declara: “[...] as reflexões que eu fazia ali, estas digressões acerca de Glenn e de Wertheimer que eu de repente me permitia” (BERNHARD, 2006, p.34). São esses fragmentos que levam o leitor a perceber que o narrador tenta compreender “o escuro” de sua existência, mas, principalmente, da de Wertheimer, personagem que acaba, de forma bem específica, por incorporar a escuridão da pós-modernidade.

Segundo Giorgio Agamben (2009, p.63), “contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”. Dentro dessa ótica, Bernhard, em *O naufrago*, mostra o escuro de seu tempo, ou melhor, do tempo presente, também por meio do narrador, que, por não ter uma identificação pessoal – tratado na narrativa como narrador – pode ser identificado com qualquer ser humano, até com o próprio autor, que, diante do escuro de seu tempo, procura questionar-se em busca de respostas e de entendimento: ver as trevas para perceber a luz.

Inicialmente, toma-se, como questão primordial na obra, a genialidade, representada na figura de Glenn Gould; contudo, ao se aprofundar a leitura, vislumbra-se que outras questões foram tratadas com critério pelo autor. Entre elas, destacam-se a mediocridade e o fracasso, perfeitamente materializados nos personagens Wertheimer e o narrador. O primeiro deles, responsável por dar título à obra, pois Glenn, adivinhando-lhe o destino, chama-o de “nosso naufrago”, experimenta o fracasso de maneira mais forte; entretanto ambos, incontestavelmente, se veem envolvidos nessa mesma rede: “E

quanto a Glenn, ficou evidente desde o princípio que ele era um gênio [...] Lá, estudando com Horowitz e conhecendo Glenn, encontramos a morte. Nosso amigo significou nossa morte" (BERNHAD, 2006, p. 30).

A morte à qual se refere o narrador nada mais é do que o reconhecimento da mediocridade diante da genialidade do outro, fator determinante da desistência da carreira de concertista por ambos. A partir dessa constatação, evidenciam-se na vida dos dois as fracassadas tentativas. Wertheimer busca caminho na filosofia; o narrador, na escrita, mas os resultados confirmam o que, de antemão, já era pressentido por eles mesmos e pelos leitores. Certo é que ambos fracassaram na vida, porque, na verdade, como a própria humanidade diante de seus fracassos, viveram o tempo do desapontamento, da decepção, que aniquila as razões de viver; por isso, a morte é o caminho, e ela não se faz de imediato, sua construção se dá, gradativamente, por meio de um processo de autodestruição, que os dois, pois ambos foram encurralados pela vida, constroem ao longo da narrativa.

Wertheimer abrevia a sua angústia existencial, pondo fim à vida, associando-se a uma outra personagem, cujo nome encontra-se bem próximo – Werther, de Goethe, que também se suicida. As razões determinantes da trágica decisão para as duas personagens podem variar na aparência, no entanto, na essência se igualam. Werther, na carta de 12 de agosto, declara:

A natureza humana – prossegui – tem limites. Pode suportar, até certo ponto, a alegria, a mágoa, a dor, mas sucumbe todas as vezes que elas forem ultrapassadas. A questão não é saber se um é fraco ou forte, mas se é capaz de suportar a medida dos seus sofrimentos, pouco importa que sejam físicos ou morais. A meu juízo é tão absurdo almagrar por covarde um homem que se suicida como apodar do mesmo epíteto o que sucumbe a uma febre maligna." (GOETHE, 1972, p.70, grifo nosso).

Segundo Comte-Sponville, para o suicida, "a morte é sua esperança" e indo mais além, ainda se reporta a Pascal (leitura também do narrador) para substanciar seu raciocínio, declarando ter sido ele mais profundo que Camus ao afirmar que "aquele que se enforca, é sempre sua felicidade que ele está buscando" (2006, p.22). Tomando por base as considerações do filósofo francês, o suicida Wertheimer, com seu ato, foi ao encontro daquilo que não conseguira em vida; entretanto, o narrador, sobrevivente do naufrágio, permaneceu vivo, e, mesmo tentando, sem sucesso, produzir, anteriormente, escritos, enveredou pelos caminhos da narração, como testemunha ocular de todos os fatos e, de certa forma, fez sua catarse, emitindo suas opiniões e julgamentos e, talvez,

como nos diz Amorim (2006, não paginado), “estabilizando sua neurose, num processo de escritura que é sua redenção” ou, porque não dizer, a sua felicidade.

Bernhard oferece, em **O naufrago**, a possibilidade de se pensar a arte, a filosofia, a linguagem, a vida. Transgredindo, ele permite ao leitor a participação, impulsionando-lhe a consciência imaginativa, para a associação de elementos que promovam deduções, já que o narrador da história não encontra as respostas para suas indagações. Dessa forma, ele justifica a história de Wertheimer:

Na verdade, eu poderia mesmo afirmar que, embora decerto fosse infeliz em sua infelicidade, ele [Wertheimer] teria sido ainda mais infeliz se a tivesse perdido da noite para o dia, se a tivessem tomado dele de um momento para o outro, o que por sua vez constituiria uma prova de que no fundo ele não foi infeliz coisa alguma, mas feliz, ainda que graças a sua infelicidade e na companhia dela, pensei. Afinal, muitos são no fundo felizes porque estão atolados na infelicidade, pensei, e disse a mim mesmo que Wertheimer foi na verdade feliz porque teve sua infelicidade sempre presente, porque pôde se comprazer dela (BERNHARD, 2006, p. 87).

Bernhard busca atingir, com profundidade, a mente desse narrador, que pode ser entendido como um *alter ego* seu, a fim de sondar mecanismos psicológicos. Em virtude disso, o enredo se fragmenta, o tempo da narrativa torna-se também psicológico, a narrativa concentra-se no espaço mental do narrador. Seus volteios de linguagem muito se aproximam dos volteios da música barroca de Bach, como ocorrem nas *Variações Goldberg*. Ele solta a linguagem como se fosse um processo automático, em que as palavras funcionam como forma de aprisionamento da realidade dos fatos narrados e das impressões filtradas. A narrativa funciona como tentativa de preenchimento de todo esse vazio existencial. O narrador preenche, buscando justificar, as páginas em branco do livro que Wertheimer queria publicar, mas que, depois de tantas alterações, só lhe sobrou o título: **O naufrago**.

Artigo recebido em: 26/01/2011
Aceito para publicação: 20/09/2011

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícius N. Honesko. Chapecó (SC): Arcos, 2009.

AMORIM, Juliana Nascimento Berlim. O náufrago: a individualidade em colapso. **Revista Garrafa**, Rio de Janeiro, n. 8, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa8/al-julianaberlim.html>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

BERNHARD, Thomas. **O náufrago**. 2. ed. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Origem**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

COMTE-SPONVILLE, André. **Tratado do Desespero e da Beatitude**. 2. ed. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRIEDRICH, Otto. **Gleen Gould: uma vida e variações**. Trad. Ana Lagoa, Helena Londres. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOETHE. **Werther**. Lisboa: Editorial Verbo, [1972].

HELENA, Lucia. A literatura como passagem: reflexões em torno das ficções em desassossego. **Alea: Estudos Neolatinos**, Niterói, v. 11, n. 1, p. 111-129, jan./ jun. 2009.

